

O que é Literatura?

Natalícia Aparecida Máximo ¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo trazer considerações de alguns estudiosos sobre o que é literatura. A partir disso far-se-á uma análise de um texto contemporâneo de modo a criticar e dialogar o conteúdo com o que a literatura realmente nos proporciona. A revisão de literatura de Eagleton, Hegel e outros, proporcionou-nos o conceito de literatura juntamente com a leitura de um texto literário.

Palavras-chave: Literatura, Social, Texto.

***Abstract:** This work aims to bring considerations of some scholars about what is literature. From this analysis of a contemporary text in order to criticize and talk content with what the literature actually provides us with far-will-be. A literature review of Eagleton, Hegel and others, gave us the concept of literature with the reading of a literary text.*

***Keywords:** Literature, Social, Text.*

¹ Graduada em Letras - Universidade Federal de Viçosa – MG.

1. O que é literatura? Revisitando conceitos

No capítulo “O que é Literatura?”, o autor Terry Eagleton (2003) se utiliza de diversas abordagens que buscam definir o que é Literatura. Para o autor não existe uma noção do que seja Literário. Depende de como o texto vai ser recebido, do fator ideológico e do processo de leitura e recepção. Mostrarei aqui os principais argumentos utilizados no texto a respeito do que ‘é Literatura’ e em seguida ditarei considerações a cerca de outros estudos sobre o mesmo assunto.

O capítulo inicia mostrando a visão de que muitos têm a Literatura como escrita imaginativa, escrita que não é totalmente verídica, e isto não procede: a própria distinção entre ‘verdade’ e ficção é questionável. Se a Literatura inclui muito da escrita factual, também exclui boa margem de ficção. A Literatura já foi definida por Jakobson como uma “violência organizada contra a fala comum”, afastando-se da fala cotidiana. Para Eagleton, até mesmo a fala comum é composta por uma linguagem que às vezes chama a atenção em sua existência material e não é considerada Literatura.

Os Formalistas transferiram a atenção para a realidade material do texto literário em si. O Literário teria suas leis específicas, estruturas e mecanismos estudados por si próprios. A obra não era um veículo de idéias e sim um fato material, eram palavras e não objetos ou sentimentos. Tais estudiosos aplicaram a lingüística ao estudo da Literatura, estudando não mais o conteúdo, mas a forma literária, o conteúdo seria um pretexto para exercitar a forma. “Literário seria deformar a linguagem de várias maneiras”. A Literatura seria um tipo especial da linguagem em contraste com a linguagem comum, é o que causaria ‘estranhamento’ ao leitor.

Para Eagleton, há problemas ao pensar ‘em estranhamento’ já que todos os tipos de escrita podem ser estranhos. Literatura pode ser tanto uma questão do que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas. Alguns textos nascem literários e outros vão se tornar Literários com o tempo. Poder-se-ia considerar Literatura também como um discurso não pragmático, que une uma espécie de linguagem que fala de si mesma.

E mesmo com todas estas afirmações e questionamentos, Eagleton conclui que a Literatura não é definida objetivamente, tal definição vai depender da maneira pela qual a pessoa resolve ler, e não da natureza daquilo que é lido.

Ocorre-me uma percepção de que a recepção é quem vai determinar o que é Literário. As várias Correntes Críticas mostram que há vários pontos de vista que vão determinar da sua maneira, o que é arte, o que é literário. Cito, a título de exemplo, um trecho de um trabalho sobre *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, sobre a vertente dos Estudos Culturais: “Assim, o que fica para os leitores e espectadores de *Vidas secas* é o lugar social, ou melhor, o *não-lugar* ocupado pelos retirantes, seres sem pousada fixa no mundo, seja ela geográfica, social, política, cultural.” (PEREIRA, 2009, p. 10). Esse trecho corrobora um pensamento apresentado por Hall (1980), segundo o qual

os Estudos Culturais não configuram uma “disciplina”, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade [...] É um campo de estudos em que diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea, constituindo um trabalho historicamente determinado. (STUART HALL, 1980, p. 07 *apud* ESCOSTEGUI, 2001, p. 28)

Nesse sentido, acredito que algumas obras vão denunciar algo social, como a obra já citada e outras que vão apenas modificar a linguagem comum sem ter o intuito de denunciar algo. Porém, mesmo que uma obra não denuncie algo ou que o autor não tenha esta intenção, a obra vai tratar sobre um aspecto social, de uma forma ou de outra, pois um artista está inserido em um contexto que o leva a demonstrar algo típico do mesmo. E o leitor crítico é quem vai tomar as decisões frente a o que a obra lhe proporcionou.

Portanto, o texto, para ser literário, teria que ser eficaz. A produção Literária tem uma eficácia válida mesmo que a obra não seja um cânone (tem-se com este pensamento uma abertura do conceito do que seja Literário). Toda literatura é social, depende de como será o impacto da obra com o leitor, uma obra Literária pode ter uma eficácia estética, social ou política. Cabe ao leitor adquirir a obra ou como deleite, ou como denúncia, ou às vezes como um simples livro que não lhe causará estranhamento. Para um segundo leitor, no entanto, o que é Literário em uma época pode não ser em outra. É um fator historicamente variável, se as pessoas decidirem

que se trata de literatura, então, o texto será Literatura, independente do que seu autor tenha pensado.

Contudo, o fator social influenciará tanto a obra, no momento de sua criação, quanto a sua recepção - como já mostrado acima, toda Literatura é social. As distintas Correntes mostram pontos de vistas diferentes no que tange ao que a obra tenha proporcionado tanto a Formalistas, Marxisistas, Estruturalistas e Culturalistas, etc. para considerarem a obra sobre seus moldes teóricos. Vai depender do que mais lhe chamam atenção, se é a forma, o conteúdo e como as mesmas se relacionam reproduzindo ou não uma realidade. E assim, surgem também necessidades de estudar a obra sobre teorias distintas. Com a industrialização surgiram os Estudos culturais, ou seja, a própria condição social exige novos pontos de vista para a crítica (os mesmos podem adquiri-los ou não).

Como forma de enriquecer este trabalho tentarei expor aqui aproximações frente ao que Raymond Williams, que reflete sobre cultura e, também, ao que Hegel pensa da arte. Em seguida, haverá algumas considerações sobre o conto “Televisão”, de João Antônio. Inicialmente colocarei pontos importantes ao conceito de arte para Hegel e o modo de estudar a cultura de Williams, ambos tratados com suportes teóricos referenciados ao final deste. Ressalta-se que o texto de Williams é posterior à obra de Hegel e que, logo, Williams foi herdeiro dos pensamentos deste. Considera-se, ainda, que Williams entende que a cultura seria um modo de conhecer aspecto sócio-históricos; enquanto Hegel entende a arte em progresso, que ocorre de acordo com formas distintas de se conceber a ideia.

Ao ler o texto ‘Arte e autonomia: a contribuição decisiva da modernidade’, de Eduardo Cardoso Braga, entendemos que Friedrich Hegel tem a arte como parte importante na sua filosofia. O mesmo combateu a arte como um produto da imaginação intensa, dita dos românticos; para ele a arte transmite a verdade e é passível de ser pensada com a razão. No cotidiano, a aparência esconde uma essência, enquanto na arte a mesma lhe faz parte, fornecendo uma realidade autônoma e verídica. Com a autonomia da arte, o pensamento é capaz de estabelecer critérios para o julgamento estético da “qualidade”.

No capítulo IV, do volume I, das Preleções sobre a estética de Friedrich Hegel, tem-se que a ideia representada numa forma concreta e sensível constitui o conteúdo da arte. A função da arte seria conciliar, em sua totalidade, a ideia e a representação sensível. Sendo assim, o conteúdo deve se prestar à representação da arte: nenhum conteúdo será representado se o mesmo não for concreto. A qualidade da arte e a conformação da realidade representada com o conceito dependerão da união entre idéia e forma; a obra é ainda mais perfeita quanto mais corresponder a uma verdade.

Dialogo, aqui, ainda, com as colocações de Cevasco, sobre a obra ‘Cultura e Sociedade’, de Raymond Williams (1921-1989). Para Cevasco, o argumento da obra modifica a tradição existente “a partir do processo de industrialização no final do século XVIII, onde o modo de pensar a cultura se contrapunha à sociedade, considerando a primeira como um espaço autônomo a salvo dos conflitos da vida real”. Havia uma preocupação na expansão dos meios de comunicação e o que isto refletia para os detentores da alta cultura.

Nesse contexto, para Eagleton, havia uma maneira natural de estudar Literatura e Cultura, que era disseminar entre os menores sua visão do que seriam as realizações do espírito, as que continham os valores humanos ameaçado pela cultura de massa. A obra passa a ser vista como um fim em si mesma e acima dos conflitos sociais.

Williams construiu uma nova tradição tendo a cultura como um ‘símbolo’ de significados e valores de uma sociedade. Para o autor, fazer crítica é mais do que avaliar obras, é um instrumento de descoberta e interpretação da realidade sócio-histórica inscrita na produção cultural. A ideia é a de que a Literatura não só reproduz os sentidos criados socialmente, mas o produz contribuindo para transformá-los. Sendo assim, surge uma nova disciplina no campo universitário: os ‘Estudos Culturais’. O interesse era enfocar os novos produtos culturais que invadiram a sociedade, as práticas da vida cotidiana começaram a ser estudadas.

Nesse ínterim, a obra de Williams é importante, pois se trata de uma abordagem materialista da cultura: a obra de arte tem relação com a sociedade, existe o mundo e a obra é uma forma, assim, o crítico mergulha no interno e externo para a análise de uma

obra. A tradição olhava os objetos separados da formação social, este era o pano de fundo e as obras eram como ilustrações da vida real.

A invenção da teoria dos Estudos Culturais embute a idéia de trabalhar com a linguagem tradicional, arte e sociedade como interconstituídas, com propósitos comuns. A obra Literária seria uma forma de conhecer e saber sobre o funcionamento social. Entender a arte nos faria entender o social, podendo então transformá-lo.

Hegel trata de falar da arte enquanto Williams discute sobre a cultura, mas ambos tratam as mesmas como ‘objetos de estudos que se relacionam’. Em Hegel a arte figura, com seus próprios meios, a realidade da vida cotidiana. A arte é tida como um objeto de contínuo enriquecimento espiritual da consciência da humanidade. É como se a arte em sua unidade sensível trouxesse o concreto da vida real, dando liberdade ao receptor de adquirir ruptura e retorno ao cotidiano, daí a autonomia da arte.

Em Williams, estudar a arte nos permitiria entender o social para então transformá-lo, a Literatura reproduziria os sentidos criados socialmente. Para Hegel, quanto mais perto da verdade, mais belo - e o *Belo* é o ser da arte. Tanto Hegel como Williams entendem a arte como um ‘objeto’ de enriquecimento do ‘pensar’.

2. “Televisão”, de João Antônio, e o estatuto do literário

No Conto “Televisão”, da obra ‘Abraçados ao meu rancor’, de João Antônio, percebe-se um conteúdo social contemporâneo que é apresentado com uma linguagem prática e dinâmica, não há um descritivismo do narrador. Do foco na mulher passa-se a focar no personagem homem como numa ‘troca de canal’. Identifica-se uma economia de dados própria do narrador contemporâneo, que ora trata o homem como ‘herói, poeta ou Jacarandá’. Há no desfecho uma violência banalizada, e que não reflete nenhuma transformação, não ocorre por um desgaste no âmbito social, mas por uma briga familiar. Alguns pontos chamam atenção no que tange à construção desta narrativa:

- Só o homem possui uma referência maior sendo nomeado de formas distintas, enquanto a mulher era apenas mulher e esposa e os filhos eram ‘os maiores e os menores’.
- A violência no desfecho esvazia o discurso político, discurso este que a própria televisão transmite à sociedade.

O conto inicia-se com o personagem Jacarandá tendo uma idéia fixa de plantar menta, logo plantar arroz, feijão, milho ou trigo não seria boa coisa, seu ideal era plantar menta. Porém, percebe-se que para tal idealização precisava-se conseguir um empréstimo do banco, e o mesmo não consegue:

O herói empacara com a idéia da menta. Mas os gerentes que há dez anos o recebiam com honrarias agora o despediam, incomodados, um riso amarelo. Os agiotas encolhiam-se ou lhe exigiam juro alto. Antigos amigos e conhecidos, que antes lhe estendiam camaradagens, assim que o viam cortavam sérios e rápidos para o outro lado da rua. Se o pinta não levantasse um empréstimo seria tarde para tudo. (FERREIRA FILHO, 2001, p. 63)

Notamos que no conto há uma crítica à televisão e ao consumismo presente na sociedade, o ‘herói’ quando não consegue o empréstimo começa a vestir-se com roupas nunca usadas que estavam no guarda-roupa, enquanto sua esposa desconfiava de traição (afinal, a boa aparência é ‘essencial’ para se conseguir algo na sociedade, mas quando se é pobre, ainda assim não se consegue). O homem tem vergonha de sua situação e não conta sobre seus fracassos em sua tentativa de arrumar dinheiro.

Enquanto isso a televisão mostra a ‘perfeição’, e Jacarandá assiste-a acreditando nunca ter visto aquilo em lugar nenhum:

Todos os gerentes de bancos prometiam facilidade, jovens, bem vestidos e melhor falantes, bons cidadãos em dia com o imposto de renda, e insistiam em esclarecer que os estabelecimentos bancários eram uma espécie de segundo lar. Estendiam sua proteção a todas as criaturas desvalidas. (FERREIRA FILHO, 2001, p. 66)

João Antônio escreve o conto com uma linguagem bem próxima da linguagem tradicional e cotidiana das pessoas, fazendo com que o leitor seja projetado à realidade de Jacarandá. A arte serve aqui como um retorno ao nosso cotidiano e tomada de consciência. O desfecho é inesperado, porém serve de crítica a uma política pregada pela televisão, mas que não acontece de verdade. Ao atirar na televisão mostra-se que Jacarandá não é alienado, ou seja, o discurso midiático não o atingiu, mas infelizmente

a realidade é quem lhe fez pensar diferente. A escrita do mesmo tem veracidade ao mostrar uma cultura de poucos, o personagem chega à conclusão que os bancos emprestam para quem já tem dinheiro de sobra, grande contradição, e em meio a tantas dificuldades, a televisão se mantém num discurso de perfeição, na verdade, inexistente.

Contrapondo aqui os trabalhos de Williams e Hegel percebe-se que no conto de João Antônio, os conteúdos sociais se dão na forma e os nossos sentidos vão perceber esta forma. Hegel entende arte em progresso, que parte da arte menor para uma arte maior, sendo as formas: Simbólica (Arquitetura – seria uma arte abstrata), Clássica (Escultura- seria uma arte corpórea) e Romântica (Pintura, música e poesia – caracterizada pela subjetividade) todas são formas gerais da idéia do Belo em desenvolvimento. A arte Romântica é a mais próxima do nosso contemporâneo, e Hegel propõe que se pense a arte em sua evolução, mas então, como é possível pensar a arte de hoje a partir do conto já citado? Como os conteúdos sociais se dão na forma nos dias de hoje?

No conto “Televisão” podemos perceber características da arte contemporânea, o mesmo tem visualidade, objetividade e mostra a rapidez do nosso mundo (como já analisado acima). As várias identidades como a de Jacarandá são características do homem moderno, que precisa ser pai, herói e trabalhador ao mesmo tempo. O conteúdo do conto não se dá independente da forma, só podemos analisá-lo diante da forma, o próprio conteúdo requer aspectos formais.

Hegel pensa a arte do ponto de vista da evolução, a forma e o conteúdo são históricos e depende da história do pensamento. A objetividade presente no conto não é a mesma objetividade do Realismo de Machado, por exemplo. Pensar que a objetividade não é a mesma é entender que não se perdeu a relação entre idéia e forma, mas sim que houve uma evolução do pensamento. Poderia outro autor conceber o conto de João Antônio de outra forma. A evolução das representações artísticas dependerá das diferentes maneiras de conceber a ideia.

No conto “Televisão”, o social é o concreto representado no abstrato sensível da arte, portanto a forma não é uma abstração sem conteúdo. Na arte contemporânea a linguagem se aproxima ainda mais da linguagem tradicional e da agilidade do mundo

moderno, característicos do conto de João Antônio. Seria uma abordagem culturalista no pensar a influência/cultura da televisão representada na arte, ou seja, os nossos sentidos reconhecem a ‘televisão’ com significados e valores dentro da nossa sociedade a partir da leitura do conto.

Referências

- BRAGA, Eduardo Cardoso. *Arte e autonomia: a contribuição decisiva da modernidade*. Disponível em: <http://www.edubraga.pro.br/estetica-aesthetics/arte-e-autonomia-a-contribuicao-decisiva-da-modernidade/>. Acesso: 15/06/2014.
- DUARTE, Rodrigo (org). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1997. p. 149 – 171
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 01-22.
- FERREIRA FILHO, João Antônio. Televisão. In: *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac Naify, 2001. p. 62- 66.
- PEREIRA, Maria do Rosário Alves. Literatura e cinema: Vidas Secas. In: *Darandina Revista eletrônica*. UFJF, volume 2, número 3, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/anteriores/v2n3/art/>. Acesso: 15/06/2014.
- WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo – contra os novos conformistas*. Tradução André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Aceito em 13/10/2014.